



Diderot – As jóias indiscretas

Resumo de Teresa Genesini¹

Sobre o autor – Denis Diderot:

Denis Diderot nasceu em Langres no dia 5 de Outubro de 1713 e faleceu em Paris no dia 30 de Julho de 1784. Seu pai, um rico cuteleiro², desejava para o filho uma carreira de padre. Bom estudante no Colégio dos Jesuítas preferia matemática à teologia. Aos 21 anos Diderot entrega-se à boemia. Para se sustentar, dá aulas, escreve sermões para padres e traduz livros ingleses. Casa-se com uma costureira, Antoinette Champion, que lhe dá quatro filhos, três dos quais morrem cedo. A filha sobrevivente torna-se sua confidente e redige mais tarde uma biografia do pai.

Diderot aproxima-se de Rousseau e do abade Condillac – mentor da corrente sensualista. Ateu, frequentava o círculo do barão d’Holbach – também ateu e materialista. Para Diderot, a única obrigação moral do homem era ser bondoso. Condena a *moral tradicional* fundada sobre a existência de uma alma imortal e sobre a consciência da liberdade humana. A palavra liberdade é, segundo ele, uma palavra vazia de sentido: “Nós só somos aquilo que convém à ordem geral, à educação e à cadeia dos acontecimentos. A verdadeira e única moral é a que contribui para a felicidade da grande família humana.”

Escreve um ensaio que lhe dá imediata notoriedade – *Promenade du sceptique* – em 1747, onde professa o deísmo³. Nasce por essa altura o grandioso projeto da *Enciclopédia*, a que se junta o matemático e seu amigo d’Alembert. Publica em 1748 *As jóias indiscretas*, que acrescentam escândalo ao já provocado pela publicação da *Enciclopédia*. Publica sucessivamente *O sonho d’Alembert*; *Jacques, o Fatalista*; *Refutação de Helvétius*; *Suplemento à Viagem de Bougainville*; *A Religiosa*. Seu último livro, *O Sobrinho de Rameau*, é publicado postumamente. Interessado em arte e estética publica artigos e ensaios sobre esses temas,

¹ Com a colaboração de Maria da Glória Kammer

² Indivíduo que fabrica, produz e/ou comercializa instrumentos de corte (Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa, 2001)

³ Sistema ou atitude dos que, rejeitando toda espécie de revelação divina e, portanto, a autoridade de qualquer Igreja, aceitam, todavia, a existência de um Deus, destituído de atributos morais e intelectuais.

como *O Paradoxo sobre o Comediante*. A correspondência com Sophie Volland (1759-1774), sua última amante, publicada em 1830, é um dos melhores epistolários da literatura francesa.

Por ocasião do casamento de sua filha e necessitando dinheiro para o dote, Diderot vende sua biblioteca à Catarina II, com quem se correspondia desde 1763. A tsarina, no entanto, compra a biblioteca com a condição de que ele ficasse como depositário. Até o final da vida Diderot cuidou de sua biblioteca e foi mantido por Catarina II.

Les bijoux indiscrets (original) – Jóias indiscretas (tradução de Eduardo Brandão – Global Editora – 1986)

Pequeno resumo até o capítulo 19

O livro *Les bijoux indiscrets* foi publicado anonimamente, em 1748, segundo testemunho de sua filha, Madame de Vandeuil. É uma sátira sobre a sociedade francesa da época, especialmente sobre os costumes libertinos – como motivo de uma aposta entre ele e sua amante, Madame de Puisieux. Diderot ganha a aposta de que seria capaz de escrever em 15 dias, um romance libertino, tão em voga na França do século XVIII.

Havia na França, durante esse século, um especial interesse pela diversidade de costumes do Oriente, motivo pelo qual Diderot escolhe o Congo como o lugar onde se passa a história. Os personagens do livro têm os mesmos nomes dos personagens de romances libertinos da época. Já os personagens centrais – Mangogul e Mirzoza – representam Luis XV e Madame de Pompadour, sua amante. Pessoas da aristocracia francesa também estão aí representados. Diderot dedica o livro à Zima (uma possível leitora) convidando-a “a ler sem medo”. Faz menção à Aglaé (personagem do livro que representa Madame de Puisieux, sua amante), sua colaboradora, justificando o convite: “Pois fique sabendo que Aglaé não se furtou a colaborar para a obra que a senhora está com vergonha de aceitar.”

Mas, afinal, de que trata *Les bijoux indiscrets* ?

Mangogul, sultão do Congo, entediado, pede à sua amada Mirzoza, que lhe conte histórias das aventuras das mulheres da corte. Não sabendo novas histórias para lhe contar, Mirzoza sugere ao sultão que procure o gênio Cucufá – um velho hipocondríaco e solitário – seu parente e amigo, que seguramente colocaria todo seu poder a favor do sultão. O gênio lhe dá um anel que possui poderes mágicos: “Todas as mulheres para quem você apontá-lo contarão suas aventuras em voz alta, clara e inteligível. Mas não vá pensar que é pela boca que falarão.” O inusitado desse fenômeno é que as vozes das mulheres não saíam de suas bocas, mas sim da parte mais franca que há nas mulheres e que mais estaria a par das coisas que interessam a Mangogul – de suas *jóias* (vaginas). Jóias falantes ! – essa extravagância fora do comum deixou o sultão exultante. Além desse poder, “o anel também tinha a virtude de tornar invisível a pessoa que o usasse no dedinho” – o sultão poderia transportar-se a qualquer lugar para ver

com seus próprios olhos e ouvir coisas que ordinariamente acontecem sem testemunhas. A indiscrição – os segredos mais íntimos revelados pelas *jóias* – era independente da vontade da mulher. As vozes eram ouvidas por todas as pessoas presentes ao local em que o anel era apontado colocando toda a corte em polvorosa: uniões são desfeitas, maridos punem suas mulheres, ninguém entende o que causa esse fenômeno.

A Academia de Ciências de Banza, de que faziam parte Olibri (Descartes) e Circino (Newton) reúne-se para estudar o fenômeno. O acadêmico atracionista⁴ Recíproco afirma que as mulheres estariam falando pelas jóias sobre aquilo que sempre ouviram pelos ouvidos. Outro acadêmico, Orcotômio, da tribo dos anatomistas, afirma que “só temos o dom da palavra para fazer-nos entender” e questiona “como é que as mulheres, que têm tanta dificuldade em se entender com uma só boca, iriam se entender falando com duas?” Não conseguem decifrar o enigma e assim, a academia não chega à conclusão alguma.

O sultão continuou suas experiências com o anel. O assunto era só esse no reino e aos fatos verídicos acrescentaram-se falsos. Tudo era aceito e crível. A sociedade, inconformada com as jóias falantes, cria vários artefactos na tentativa de que algum pudesse calar as jóias falantes. Focinheiras ou mordanças portáteis, de todos os tamanhos, formas, preços – que privam as jóias do uso da palavra, sem, no entanto, as privarem de suas funções naturais – foram aprovadas pela Real Academia de Ciência; seu inventor teve a honra de fornecê-las às pessoas da mais elevada distinção. Os religiosos, contrários às focinheiras, usadas por todas as mulheres, da aristocracia à burguesia, por moda ou por necessidade, gritavam: “deixem a voz de suas jóias despertar a voz de suas consciências e não se envergonhem de confessar crimes que não se envergonham de cometer!”

Côncavo e convexo – a justa adequação: O caso dos viajantes (capítulos 18 e 19)

As jóias falantes denunciavam uma insatisfação das mulheres. Nos capítulos 18 e 19, Diderot usa de um ardil mordaz e sarcástico: traz-nos uma possível solução para a desarmonia entre os sexos – uma ilha em que as jóias femininas e masculinas poderiam ter uma justa adequação, através da geometria e da temperatura. Mas essa solução era aparente, burocrática, não era suficiente para assegurar a fidelidade conjugal, como veremos a seguir:

Chega às mãos de Mangogul um diário de viajantes, enviados por ele a essa ilha, com informações de sua população. Ele lê o relato para sua amada Mirzoza, e ambos se divertem muito.

Nessa ilha as jóias tinham formas geométricas. Uma mulher com jóia em formato de porca, por exemplo, deveria casar-se com um homem cuja jóia tivesse formato de parafuso, e assim sucessivamente. Isso deveria produzir casamentos felizes, sempre que as leis em vigor fossem seguidas ao pé da letra. Porém, isso não bastava. Havia ainda a questão da temperatura – era

⁴ Derivado de attract – do ponto de vista formal (Houaiss – Dicionário da Língua Portuguesa, 2001).

necessário determinar a relação de calor entre dois cônjuges, através de um ritual do termômetro sagrado. As seguintes possibilidades eram analisadas:

- ambos tinham a mesma temperatura: nesse caso, a união era aprovada.
- a temperatura da mulher era muito alta e nenhum homem seria capaz de alcançá-la: a união não era aprovada e a mulher tornava-se cortesã, estado muito honrado e respeitado. Muitos homens da ilha tinham suas cortesãs.
- a temperatura do homem é muito baixa: nesse caso ele é condenado ao celibato.
- o homem faz o líquido do termômetro subir a um grau que nenhuma mulher pode alcançar: o homem é obrigado a tornar-se monge. Diderot denuncia com mordacidade sua opinião sobre a igreja: “Como a Igreja perdeu seu antigo esplendor!”

Apesar de todos esses cuidados, a fidelidade não era completa. Também lá havia “cornos – aqueles homens cujas mulheres deixam-se acariciar por outros”. O relato do visitante conclui: ainda que planejado conforme as leis, muitas vezes, nada é mais contrário que um casamento, à felicidade e à razão.

Para finalizar

Diderot mostra, de forma irônica e divertida, a impossibilidade da completude nas relações homem-mulher, a não existência da relação sexual. O anel mágico provoca a confissão das insatisfações das mulheres através de suas jóias indiscretas. Todas as tentativas de perfeição na ilha visitada pelo enviado de Magogul não garantem a fidelidade e a felicidades dos casais. Nem a burocracia, visando à satisfação das necessidades dos cônjuges, conseguia dar conta dessa falta.

Diderot denuncia também o ridículo do pensamento determinista quando fala das características dos insulares: “cada um trazia, ao nascer, os sinais da sua vocação, de modo que, em geral, as pessoas eram o que deviam ser.”

E, finalmente, pontua, através dos diálogos com Mirzoza, o descompasso entre os sexos:

- Para o homem, a mulher está sempre errada – Magogul sugere que Mizorza seja conduzida em meio aos insulares: “Garanto-lhe que a senhora voltaria de lá infinitamente perfeita.”
- O homem quer ser ouvido pela mulher – Magogul diz para Mirzoza: “... contudo, seria muito melhor e eu ficaria muito mais à vontade se eu pudesse falar sempre e a senhora pudesse ouvir-me sempre”.
- Os homens preferem as burras – Mirzoza pergunta a Magogul: “Quer dizer que o senhor gostaria que eu fosse um pouco burra?” Ao que ele responde: “Por que não? Isso nos aproximaria, e, portanto, nos divertiríamos muito mais. É preciso uma imensa paixão para suportar uma humilhação atrás da outra.”

- O homem é sempre incompreendido pela mulher, está sempre em dívida em relação à mulher amada, enquanto a mulher nunca percebe o quanto é amada: Magogul, como prova de seu amor, rasga o diário que tanto o divertiu, pois percebe o quanto esse diário parecia ridículo para Mizorza. “Sou-lhe tão cara assim?” – pergunta Mizorza. Responde Magogul: “Aí está uma pergunta a ser arrancada de todas as mulheres. Não, elas não têm nenhum sentimento. Acham que lhes devemos tudo. Por mais que façamos por elas, nunca acham bastante. Um momento de contrariedade fazem-nas esquecer anos de serviços.” Diderot aponta também nesse diálogo o traço da insatisfação feminina.

Diderot dá à mulher a oportunidade de expressão e revela, através dos diálogos, o desejo feminino. O livro é revelador do feminino, da expressão da mulher como ser de desejo. Com ironia aponta as artimanhas da mulher: “As mulheres andam vestidas lá?”, pergunta Mirzoza. Responde Mangogul: “Certamente. Mas não é por obediência, é por sedução – elas se cobrem para atizar o desejo e a curiosidade...”.

Com esse romance Diderot mostra como a ficção libertina pode ser uma ferramenta para atacar a sociedade moralista de seu tempo – sob o controle do estado e da igreja – para desnudar, de maneira aparentemente frívola, as máscaras da sociedade do século XVIII.

Alain Grosrichard, no primor de curso que apresentou no IPLA, faz uso dessa obra de Diderot, para falar da impossibilidade do discurso da ciência em relação à falta. O discurso da ciência não dá conta das diferenças, da falta, da singularidade – ele não leva à felicidade, ao amor. Grosrichard conclui essa questão dizendo que “uma relação harmoniosa entre homens e mulheres se dá através de uma relação de amor”.

O livro de Diderot mostrou que as tentativas das soluções da ciência são insuficientes para garantir a harmonia entre um homem e uma mulher.

Finalizo este trabalho com uma citação de Jorge Forbes: “Só há uma solução para o entendimento: suportar o ridículo do amor.”

Bibliografia:

Diderot, Denis: Jóias indiscretas. Global Editora, 1986.

Forbes, Jorge: Conversando é que a gente não se entende – conferência proferida em 9 de março de 2010 (<http://teresagenesini.blogspot.com/2010/03/conversado-e-que-gente-nao-se-entende.html>)

Grosrichard, Alain: notas de aula do primor de curso (5 a 7 de março de 2010).

Laffont, Robert: Le nouveau dictionnaire des auteurs, vol 1. 1980.

Lagarde & Michard: XVIII Siècle. Bordas – Paris – Montreal. 1970.

P.-G Castex e P. Surer: Manuel des études littéraires françaises. Librerie Hachette, 1966.